

A LIBERDADE DA FICÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A AUTOBIOGRAFIA FICCIONAL

THE FREEDOM OF FICTION: REFLECTIONS ON FICTIONAL AUTOBIOGRAPHY

Letícia Castilho¹
Neide Garcia Pinheiro²

Data de recebimento do texto: 19/09/2024

Data de aceite: 15/10/2024

Resumo: Este artigo discute as possibilidades da autobiografia ficcional a partir da obra *Em liberdade* (1994), de Silviano Santiago. Nesse diário fictício de Graciliano Ramos, Santiago tenta convencer o leitor de que ele é apenas o editor, enquanto Graciliano é o verdadeiro autor. Objetiva-se então refletir sobre a liberdade criativa do autor e crítico literário Santiago e sua relação com a liberdade individual do personagem-narrador Graciliano em um contexto histórico de repressão política e social. Além disso, objetiva-se compreender a forma como Santiago tenta persuadir o leitor quanto à autoria do diário. Discorre-se sobre as escritas de si e seus subtipos. Então, reflete-se sobre as técnicas narrativas utilizadas por Santiago. Sugere-se que a obra se constitui como um ato de liberdade ficcional, resistência e expressão política, crítica e intelectual.

Palavras-chave: Autobiografia ficcional. Silviano Santiago. Graciliano Ramos. Literatura brasileira. Escritas de si.

Abstract: This article discusses the possibilities of fictional autobiography based on *Em Liberdade* (1994), by Silviano Santiago. In this fictional diary of Graciliano Ramos, Santiago tries to convince the reader that he is only the editor, while Graciliano is the real author. The aim is to reflect on the creative freedom of the author and literary critic Santiago and its relationship with the individual freedom of the character-narrator Graciliano in a historical context of political and social repression. Furthermore, the aim is also to understand how Santiago tries to persuade the reader that the diarist is Graciliano. It discusses self-writings and its subtypes. It then reflects on the narrative techniques used by Santiago. It is suggested that the work constitutes an act of fictional freedom, as well as one of resistance and political, critical and intellectual expression.

Keywords: Fictional autobiography. Silviano Santiago. Graciliano Ramos. Brazilian literature. Self-writings.

¹ Doutoranda em Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: castilhole@hotmail.com.

² Doutora em Letras, docente na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: ngarcia@unicentro.br.

Introdução

Criação e crítica se lançam na minha obra com o mesmo ímpeto e coragem. Criação e crítica são intercambiáveis.

(Silviano Santiago)

Preservar sua história pessoal. Olhar para dentro e refletir. Questionar a própria existência. As escritas de si se efetivam como um significativo gesto de registrar memórias e evitar o esquecimento de uma vida. Como aponta William H. Gass (2017, online), “a autobiografia é uma vida escrevendo sua vida”³ e, de acordo com Mail Marques de Azevedo (2004):

A preocupação imemorial do ser humano com a preocupação de sua história pessoal, de recordações de sua experiência de vida, enfim, com a preservação de sua memória, deu origem a um número incalculável de narrativas de expressão do “eu” – memórias, diários, cartas, auto-retratos - através dos séculos, algumas delas registradas no cânone da literatura ocidental, desde que Sócrates apresentou sua Apologia ao tribunal ateniense em 399 a. C (Azevedo, 2004, p. 98).

Para além de se esquivar do esquecimento perpétuo, registros individuais como diários, cartas, autobiografias, ensaios, blogs, entre outros, podem empreender uma retrospectiva do *self* em busca de identidade, memórias, validação de fatos vividos e autoanálise. Essas “narrativas do eu”, apesar de serem praticadas há séculos, têm se reinventado na pós-modernidade – marcadas por uma maior diversidade de formas, vozes e perspectivas, e pela desconstrução das narrativas tradicionais –, aumentando o interesse acadêmico sobre o assunto nas últimas décadas.

A primeira tentativa de definição de autobiografia foi proposta pelo teórico francês Philippe Lejeune, nos anos 70, e, mais tarde, por ele revisitada: “denominamos ‘autobiografia’ a narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2008, p. 14). No entanto, novas formas de escrita com nuances retrospectivas do “eu” surgem na pós-modernidade, colocando em discussão as possibilidades da escrita autobiográfica e da ficção.

³ *Autobiography is a life writing its life.*

Então, a partir da definição de Lejeune para autobiografia, o também francês Philippe Gasparini (2004) ocupou-se da tentativa de definição de textos que possuem traços tanto relativos aos fatos vividos quanto à imaginação do autor e que seriam subtipos do gênero autobiográfico. Como exemplo, encontram-se romance autobiográfico (ou ficção autobiográfica), autoficção e autobiografia ficcional. Esta última, segundo o autor, caracteriza-se por um modo de escrita que simula uma enunciação autobiográfica, mas sem deixar explícita a identidade nominal entre o autor e o narrador-personagem, tratando-se, portanto, de uma ficção.

Silviano Santiago apresenta um intrigante exemplo de autobiografia ficcional e explora as possibilidades de criação literária com o livro *Em liberdade*, publicado pela primeira vez em 1981. A obra, inquestionavelmente assinada pelo autor, é uma espécie de diário fictício de Graciliano Ramos após sair da prisão, sobre a qual ele trata em *Memórias do Cárcere*, publicado em 1953. Sob o subtítulo de “uma ficção de Silviano Santiago”, o autor tensiona as tênues linhas entre ficção e factualidade, escrevendo em primeira pessoa, porém da perspectiva de Graciliano, o colocando na posição de autor-narrador-personagem. Embaralham-se nessa obra mundo referencial e mundo ficcional, constituindo uma complexa trama narrativa que “poderia ser biografia, romance ou ensaio, pois tudo isto é essa polêmica e revolucionária obra”, como escreve Jacques do Prado Brandes na orelha da edição de 1994. A crítica aponta que através da

ficcionalização de um período da vida de Graciliano Ramos, [Santiago] faz uma série de reflexões sobre o próprio papel do intelectual. Para isso constrói uma narrativa metalinguística que é também um simulacro, pois brinca com os limites entre universo ficcional e seus artefatos narrativos e os dados empíricos da vida do autor (Sumiya, 2016, p.1).

Alguns trabalhos anteriores sobre *Em liberdade* abordam questões de ética e estética (Rocha, 2021) e nuances do romance histórico brasileiro (Sumiya, 2016). Também existe uma análise meticulosa entre *Em liberdade* e *Memórias do Cárcere* escrita por Walter M. Miranda (1999). Este artigo visa dar continuidade às discussões e objetiva explorar as possibilidades da autobiografia fictícia, refletindo sobre a constituição da liberdade criativa do autor e crítico literário, bem como sobre sua relação com a liberdade individual do personagem-narrador em um contexto histórico de repressão política e social. Ademais, objetiva-se compreender as técnicas que Santiago usa para convencer o leitor de que o verdadeiro autor do diário é Graciliano Ramos.

Discussão teórica

Levantar âncoras. Soltar-me. Abrir as velas, ir à deriva, navegar em direção ao desconhecido, seguir com os olhos, com as narinas, com o corpo, alcançá-las. (Graciliano Ramos)

(Silviano Santiago)

Ao ler os diferentes gêneros de escritas de si, o leitor desavisado pode ficar confuso se tentar buscar a veracidade dos fatos narrados ou a autenticidade do escritor. Se uma autobiografia é uma narrativa em que o autor conta sua própria existência, o leitor pode pressupor que tudo ali relatado seja verdade. Sobre isso, Lejeune (2008) afirma que o autobiógrafo firma com seu leitor o que ele chama de pacto autobiográfico, e que uma autobiografia supõe haver uma identidade de nome entre autor, narrador e personagem. Miranda (1999, p. 102) reforça que esse “acoplamento autor-narrador-personagem, selo de confirmação do pacto autobiográfico, revela a confluência entre experiência vivida e fabulação narrativa”. Para Hervot e Savietto (2009, p. 31), “a não obediência a essa regra permite diferenciar uma autobiografia autêntica de uma autobiografia fictícia”. *Em liberdade* é um caso que não obedece à tríade pensada por Lejeune, tratando-se assim de uma autobiografia fictícia. Entretanto:

A autobiografia ficcional [...] estaria muito mais próxima de um pacto romanesco porque parece uma autobiografia autêntica, jogando muitas vezes com a expectativa do leitor ao fazer com que o texto fictício passe por referencial. Algumas vezes, para encobrir a falta de identificação entre narrador/personagem e autor, tentam dar a impressão de que o personagem/narrador é o verdadeiro autor, posicionando o autor empírico como editor ou ainda apresentar no título da obra seu caráter memorialista. Sua leitura é realizada como um autobiografismo simulado (Ferrari, 2015, p. 179-180).

De fato, na “Nota do editor” de *Em liberdade*, Santiago tenta convencer o leitor de que ele é somente o editor do diário: “Graciliano escreveu este diário durante dois meses e treze dias” (Santiago, 1994, p. 11). O suposto editor então descreve o percurso que o levou a ter acesso ao diário. De acordo com ele, Graciliano teria entregado os manuscritos a um amigo de longa data e solicitado que estes fossem publicados apenas 25 anos após sua morte. Posteriormente, o autor do diário teria solicitado ao amigo que os queimasse. O amigo, contrariando Graciliano, acaba guardando os originais. Mais tarde, quando este amigo falece, sua viúva tem acesso aos manuscritos e os envia a Silviano, seguindo a

instrução do pacote em que estava o diário. Santiago ainda reflete, em “Sobre esta edição”, a respeito do motivo que poderia ter levado Graciliano a pedir a queima dos manuscritos:

O enigma perdura: por que Graciliano mandou queimar os originais de *Em liberdade*? Tentaremos uma explicação: os textos de *Em liberdade* e de *Memórias do Cárcere* não se casavam, não podiam coexistir simultaneamente no seu espírito. Era com o sacrifício de um que escrevia o outro, e vice-versa (Santiago, 1994, p. 17).

Observa-se que o autor cria uma elaborada narrativa para tentar (e talvez conseguir) convencer seu leitor de que Graciliano foi quem de fato escreveu o diário. Saindo das notas editoriais de Santiago, no diário Graciliano admite que este é um “lugar de reflexão para mim que, depois das confusões e das amizades forçadas na cadeia, me permite compreender melhor os fios que tecem a minha vida em liberdade” (Santiago, 1994, p. 137), e reflete sobre seu ofício e a decisão de registrar seu cotidiano logo que sai da prisão:

de uma coisa só tenho certeza: não sou romancista novato e se, por acaso, comecei este diário é porque nele vi um potencial dramático de interesse para qualquer leitor. Apesar de sabermos em que país estamos e sob que regime vivemos, não é todo dia que um escritor é preso, como não é todo dia que se pode ter a narrativa dos seus primeiros dias em liberdade (Santiago, 1994, p. 138).

Em seu extenso estudo que envolve obras de Graciliano e Silviano, Miranda (1999) observa que “para o diarista Graciliano escrever é, de início, obliterar o passado, fazer desaparecer as marcas e vestígios deixados num ‘corpo dolorido que não quer pensar nas dores sofridas que castigam os sentidos e a memória’” (Miranda, 1999, p. 129). Assim, Santiago traz as reflexões de Graciliano durante o período imediato em que sai do cárcere onde estivera como preso político e pouco antes da implantação do Estado Novo no Brasil. As reflexões e críticas seguem no diário entrelaçadas a eventos corriqueiros da vida de Graciliano, criando uma trama que se constitui a partir do ponto de vista do narrador. Desse modo, “Santiago brinca com os limites do pacto de leitura, como se dissesse que seu trabalho ficcional é tão bem feito que esse poderia ser realmente o diário de Graciliano, mas a concretização de certos elementos da trama só é possível justamente porque ele não é” (Sumiya, 2016, p. 2).

A autobiografia ficcional se estabelece então como um terreno fértil para a liberdade de criação literária. Nele, o autor pode explorar seu personagem, histórico ou não, usando de sua imaginação para narrar detalhes do dia a dia deste. No caso de *Em*

Liberdade, o autor se utiliza das reflexões de seu personagem Graciliano para desenvolver críticas literárias, sociais e políticas ao período em que o diário foi escrito. “Silviano quer ficcionalizar não o homem de Graciliano, embora sua composição seja importante para a verossimilhança do diário, mas o que ele representa: o intelectual perseguido por um regime autoritário” (Sumiya, 2016, p. 4). Nota-se isso quando Graciliano, em diversos momentos no diário, aborda o cenário político do Brasil:

O governo forte de Getúlio Vargas veio para ficar (as demonstrações de força são inequívocas). Serão cada vez mais claras e autoritárias – não tenho dúvidas; cada vez mais excluirão toda a possibilidade de divergência. Qualquer oposição ficará dentro das cadeias ou do lado de fora do governo. As duas alternativas são antipáticas e suicidas. Como sobreviver, com decência, num país como este? (Santiago, 1994, p. 36).

As reflexões de Graciliano continuam na sequência com seus pensamentos concatenando possíveis saídas e alternativas para as delicadas questões em andamento no país daquele momento, seguido da revelação de um evento corriqueiro de sua vida e a situação de sua saúde física após a experiência prisional:

A caminhada matinal com Heloísa pela praia de Ipanema me fez bem. Não acredito que estaria escrevendo estas linhas se não me tivesse alheado do mundo e das pessoas esta manhã. Se não tivesse finalmente voltado os olhos para o estado lastimável em que se encontra o meu corpo (Santiago, 1991, p. 37).

Portanto, como já apontado em outros estudos sobre esta singular obra da literatura brasileira, “a técnica de convencimento recorre a minúcias sobre o cotidiano baseado em detalhes biográficos do escritor” (Weinhardt, 2004, p. 140). Os eventos do diário, que Graciliano inicia um dia após sua libertação, se passam no Rio de Janeiro entre 14 de janeiro e 26 de março de 1937, período de intensa repressão. Num ato de liberdade ficcional, Santiago escreve o livro na década de 70 e o publica em 1981, em plena ditadura militar, iniciada com o golpe de estado de 1964. Muito provavelmente inspirado pela vida e obra de Graciliano, o autor faz de *Em liberdade* uma conversa entre intelectuais e artistas frente a regimes autoritários. Interessante observar que em *Memórias do Cárcere*, Graciliano elabora um comentário sobre a liberdade individual e a liberdade pela escrita:

Certos escritores se desculparam de não terem forjado coisas excelentes por falta de liberdade – talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas nos

estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. [...] Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá: se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não nos impediu [de] escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício. [...] Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze (Ramos, 1996, p. 34).

É nesse estreito limite de coerção e liberdade entre a gramática e a lei que Santiago, “empregando o recurso do simulacro, libera o texto da paternidade do autor e estabelece um código para que o ato autobiográfico se efetive” (Silva, 2016, p. 82). Ele então tece a narrativa de um Graciliano recém liberto. Miranda (1999, p. 88) chama a atenção para dois fatores que merecem atenção nesse processo:

o primeiro diz respeito à liberdade, presente desde o título, de o texto engendrar-se e funcionar como um enxerto de vários gêneros, sem se fixar em nenhum deles em particular; o segundo, correlato ao primeiro, remete ao fato de que o texto se realiza sob o signo de um duplo desdobramento, pois é dado como o diário íntimo de Graciliano, supondo como tal o desdobramento entre o *eu* observado e o olhar crítico que o observa, e é simultaneamente uma ficção de Silviano Santiago.

Observa-se então que na autobiografia ficcional escrita por Santiago, a liberdade criativa do autor de ficção se relaciona com a liberdade corpórea e intelectual do seu personagem, fazendo de *Em liberdade* um espaço de significativas estratégias de escrita criativa, bem como de resistência e expressão política, crítica e intelectual.

Considerações finais

Este estudo comentou o fato de que as escritas de si são praticadas desde tempos imemoriais e assumem diferentes formas, como diários e autobiografias. Com o advento da pós-modernidade, tais gêneros foram se diversificando e novas formas de narrativas do eu, híbridas e complexas, emergiram, desafiando as convenções do gênero autobiográfico tradicional. Analisou-se, então, um subgênero de autobiografia - a ficcional -, em que a requerida identidade entre autor-narrador-personagem é desafiada. Silviano Santiago, no texto de *Em liberdade*, “opta pela criação de uma narrativa que busca esconder seu caráter de ficção, utilizando-se de uma série de recursos narrativos para criar um universo de verossimilhança” (Sumiya, 2016, p. 1). Assim, ele brinca com pacto de leitura, levando o leitor a questionar a identidade do autor e a veracidade dos fatos descritos no diário de

Graciliano Ramos. Porém, ao mesmo tempo em que desafia o pacto romanesco, a autobiografia ficcional se aproxima dele, pois simula uma autobiografia real.

Santiago resgata um personagem histórico do passado e cria no diário deste um espaço de liberdade de crítica e escrita criativa no presente do autor. Utiliza-se de minúcias do cotidiano de Graciliano liberto vivendo no Rio de Janeiro e suas críticas ao período, principalmente relacionadas à repressão política, e ainda tece detalhadas considerações como editor em suas notas para reforçar a ilusão que seu livro causa. A autobiografia ficcional é um subgênero da autobiografia em que as convenções da escrita podem ser questionadas, e as linhas entre ficção e realidade exploradas, levantando reflexões sobre o poder da criação literária de preservar memórias e expressar-se criativa e politicamente. *Em liberdade* constrói-se “não só como lugar de reflexão do passado, mas também como lugar de reflexão do seu próprio fazer enquanto fazer textual” (Miranda, 1999, p. 118). Como aponta ainda a tese de doutorado de Roberto Carlos Ribeiro (2008, p. 109):

Ao assumir a escrita de Graciliano Ramos, Silviano Santiago só está ampliando um recurso que faz parte da própria forma estrutural e de conteúdo de muitas de suas narrativas: a busca do discurso do outro mesclado com o seu próprio, amplificando o poder da palavra como forma de atuação e de denúncia sócio-cultural.

Portanto, percebe-se por meio deste estudo que *Em liberdade* oferece uma perspectiva de escrita e leitura que explora não somente a liberdade individual do personagem-narrador, mas também reflete a liberdade do autor através da escrita, ressoando inclusive reflexões que Graciliano Ramos tece em *Memórias do Cárcere*. Além disso, Miranda (1999, p. 157, grifo do autor) assevera que

esses textos, através da experiência pessoal que carregam ou retratam, acabam por traçar um “retrato do Brasil” não coincidente com os traços do retrato oficial. Esse ato liberador e libertário os distingue da maioria dos seus congêneres e afirma a função indispensável da palavra artística diante dos *limites da gramática e da lei*, da difícil tarefa de dar sentido e vida à vida.

Em terreno propício para a imaginação e o exercício da crítica, em *Em liberdade*, Santiago se aventura pelos caminhos da ficção. Sua incursão nesse terreno proporciona um ato de emancipação literária, onde a liberdade de concepção se entrelaça habilmente com a capacidade crítica, resultando em uma narrativa que transcende os limites convencionais das escritas de si. Nesse contexto, ele engendra não apenas uma manifestação de liberdade ficcional, mas também uma proeminente expressão de criatividade, crítica e resistência.

Agradecimentos

As autoras gostariam de agradecer ao CERTA (Centro de Escrita, Revisão e Tradução Acadêmica da Universidade /trecho removido para preservar a avaliação às cegas/ pela assistência com a escrita e revisão em língua portuguesa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

AZEVEDO, Mail Marques. **O relato autobiográfico na literatura norte-americana: dos fundadores às minorias étnicas**. Signótica, v. 16, n. 1, p. 97-118, 2004.

BRANDES, Jacques do Prado. [ORELHA DO LIVRO]. In: SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRARI, Bruno. As escritas de si no cenário da literatura brasileira contemporânea. **Revista Landa**, 2015.

GASPARINI, Philippe. **Est-il je? roman autobiographique et autofiction**. Collection Poétique, dirigée par Gérard Genette. Paris: Seuil, 2004.

GASS, William. **The art of self: Autobiography in an age of narcissism**. Harper's Magazine, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://harpers.org/2017/12/the-art-of-self/>. Acesso em 25 jun. 2024.

HERVOT, Brigitte; SAVIETTO, Maria do C. **A escrita autobiográfica**. Narrativas do eu: memórias através da escrita. Bauru/SP: Canal6, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975. [O pacto autobiográfico. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008].

MIRANDA, Wander M. **Corpos escritos**. São Paulo: Edusp, 1999.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1996.

ROCHA, Helder Santos. Ficção-crítica e vida literária nos romances “Em liberdade” e “Machado”, de Silviano Santiago. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 17, n. 30, p. 287-308, 2021.

RIBEIRO, Roberto Carlos. **Duplo estilete**: crítica e ficção em Silviano Santiago. 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SILVA, Antonia Marly Moura da. Identidade e transgressão no romance Em liberdade de Silviano Santiago. MOARA – **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 33, p. 79-104, ago. 2016.. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3601>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SUMIYA, Cleia da Rocha. **Em liberdade uma proposta literária para pensar a própria história da literatura**. 2016. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sihl/assets/2015/31.pdf>. Acesso em 26 jun. 2024.

WEINHARDT, Marilene. O romance histórico na ficção brasileira recente. In: CORREA, Regina Helena M. A. (Org.). **Nem fruta nem flor**. Londrina: Humanidades, 2006, p. 131-172.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.